



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 8, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 8 - TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.08.07>

Recebido em: **09/08/2020**

Aprovado em: **10/08/2020**

O ENSINO E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EAD TEACHING AND
CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE IN ODL ENSEÑANZA Y CONSTRUCCIÓN DEL
CONOCIMIENTO EN EAD

CARLOS ALEXANDRE NASCIMENTO ARAGO

<https://orcid.org/0000-0002-5791-9806>

RESUMO:

O ensino é visto por uma boa parte da sociedade como o único meio de aquisição do conhecimento e nesta lógica, entende-se que esse só pode ser adquirido na Escola, por ser a instituição autorizada socialmente, para tal ação. Pensando nessa problemática, tentamos refletir sobre o saber escolar, visto que, ele representa a prática de diversas manifestações e signos, cuja tarefa é instrumentalizar os indivíduos para a obtenção dos conhecimentos exigidos pelo mundo contemporâneo. Buscamos, construir uma relação com a EAD, que representa, na atualidade, uma das possibilidades de adquirir o conhecimento. Nossa hipótese é de que ela possa ser modelo diferenciado do que vemos no espaço escolar, apresentando uma quebra de paradigma das instituições da era moderna.

ABSTRACT

Education is seen by much of society as the only means of transmission of this knowledge and logic, it is understood that this can only be acquired in school, being the authorized institution, socially, for such action. Thinking about this problem, we try to reflect on the school to know, since it represents the practice of various events and knowledge, whose task is to equip individuals to obtain the knowledge required by the contemporary world. We will seek to build a relationship with the ODL, which is, in actuality, one of the possibilities of acquiring knowledge. Our hypothesis is that it can be differentiated model of what we see in schools, presenting a paradigm in the institutions of the modern era.

CURRÍCULUM:

La docencia es vista por buena parte de la sociedad como el único medio de adquirir conocimientos y en esta lógica, se entiende que este solo se puede adquirir en la Escuela, por ser la institución socialmente autorizada, para tal acción. Pensando en esta problemática, tratamos de reflexionar sobre el conocimiento escolar, ya que, representa la práctica de diversas manifestaciones y signos, cuya tarea es instrumentalizar a los individuos para obtener los conocimientos que requiere el mundo contemporáneo. Buscamos construir una relación con la educación a distancia, que en la actualidad representa una de las posibilidades para adquirir conocimientos. Nuestra hipótesis es que puede ser un modelo diferente al que vemos en el espacio escolar, presentando una ruptura de paradigma en las instituciones de la era moderna.

Introdução

Há vários séculos presenciemos nas nossas escolas uma dinâmica de transmissão do conhecimento que acaba por cristalizar o ensino, isto é, para um movimento circular em que o detentor do saber é o professor e o aluno um mero receptor que está em busca do conhecimento, incapaz de interagir com o seu meio, tendo como único espaço de adquirir o conhecimento a Escola. A escola representa a instituição autorizada para tal fim e que autoriza o professor a executar tal ação. Dessa forma, o indivíduo que não a frequenta é visto como um ser incompetente, incapaz e sofre exclusão. Nessa direção, percebemos que o aluno torna-se um ser passivo, assim como o professor que passa a reproduzir um discurso já cristalizado nos livros didáticos.

Após a intensificação e disseminação da prática da Educação a Distância (EAD), algumas concepções sobre o ensino começam a cair por terra, como é o caso do modelo convencional de transmitir conhecimento aos estudantes. A partir desse momento o aprendiz é capaz de criar, articular, resignificar o conhecimento aprendido em diversos meios, isto é, torna-se um sujeito capaz de construir seus conceitos. Dessa forma, passa-se a ter a possibilidade de vislumbrarmos a presença de um sujeito ativo. Tal mecanismo torna-se possível porque a EAD propicia uma interação entre todos os sujeitos envolvidos e cada um constrói o seu caminho sem ser preciso que exista alguém responsável para efetivar tal construção. Independente do método utilizado (convencional ou EAD) algumas regras devem ser seguidas.

Com vistas a dar conta de tal teoria, organizou-se o presente artigo em três tópicos, buscando organizar algumas tentativas de considerações acerca do que está sendo pensado, a saber: **Disciplina: conjunto de verdades** que consiste numa abordagem acerca da escola na sociedade disciplinar e suas verdades. As discussões são à luz de Foucault (2009). O segundo – **Disciplina: organização do comportamento** – reflete sobre a utilização da disciplina como controle dos corpos. As discussões se baseiam em Foucault (2008) e ainda abordamos sobre o esquema imaginário da estudiosa Orlandi (2009). Por fim, o terceiro tópico - **O Ensino na Perspectiva da EAD** – consiste numa reflexão sobre a utilização da EAD como transmissão do conhecimento.

1. Disciplina: conjunto de verdades

A escola surge, no cenário histórico e político, como uma instituição com vistas a educar as crianças, instruí-las, encarregando-se, dessa forma, da reprodução de conhecimentos e de valores tradicionalmente instituídos. Nessa direção, ela detém o poder relacionado à perpetuação dos discursos, dos valores. Com efeito, é responsável pela veiculação das “verdades” instituídas em práticas discursivas. Destarte, representa uma das instituições que mais tem prestígio na sociedade. O discurso produzido circula em um espaço fechado e é distribuído segundo algumas regras estritas, fazendo com que a palavra vire verdade. Tal processo, por sua vez, está circunscrito a alguns indivíduos detentores do “conjunto de verdades” apreendido. E, como bem explica Foucault (2009a), esses indivíduos constituem o que ele denomina de *sociedade do discurso*.

Ademais, no decorrer da história do ensino, observa-se que o discurso da escola tem a força da verdade[i]. Nesse caminho, para o estudante tornar-se um indivíduo aceito socialmente, é necessário que adquira esse discurso, pois este lhe legitima o saber e a verdade. Estes, por sua vez, apoiam-se sobre um suporte institucionalmente determinado. É nessa perspectiva de construção teórica que Foucault (2009, p. 07), citando o discurso da escola, denuncia o poder a ela concedido: “[...] ter algum poder, é de nós (Instituição), só de nós, que lhe advém”.

A partir disso, depreende-se que o filósofo francês defende que a vontade de verdade, possibilitada a partir de mecanismos institucionais tende a exercer uma espécie de pressão e poder de coerção sobre

outros discursos. Isso porque os discursos em circulação são marcadamente controlados e distribuídos em uma sociedade. Tal distribuição, por seu turno, como afirma Foucault (2009, p. 9), tem “[...] função [...] (de) conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Nesse contexto, o autor previne que a vontade de verdade se apoia sobre um suporte institucional, exercendo, assim, um ar de soberania. Nesse caso especial, observa-se a soberania dos discursos na instituição escola. Segundo Feldens (2008) o controle produz o tempo, o espaço e a identidade. Dessa forma, se posiciona mais além que a disciplina, mesmo que esteja em incessante mudança.

E, continuando o exame dos procedimentos de controle dos discursos em circulação, Foucault (2009a) observa a questão de a disciplina ser um princípio de controle da produção do discurso. Ele, então, define-a da seguinte forma (2009, p. 30): “[...] uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu seu inventor”. Ademais, leva-se em conta que ela fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.

Para continuarmos a discutir sobre a questão do ensino/aprendizagem, no próximo item, procedemos à discussão acerca da disciplina como uma questão do comportamento.

1. Disciplina: organização do comportamento

É importante trazer à baila outra perspectiva sobre a disciplina, qual seja: a disciplina como produtora de subjetividades. Nesse caminho, a escola passa a ser um ambiente em que os corpos são disciplinados e vigiados a todo o momento e, quando algum membro, em especial o estudante, rompe com essa ordem vigente, é punido. Isso é percebido, na medida em que as carteiras se organizam em uma sala de aula, disciplinando e estabelecendo uma ordem de disposição dos indivíduos. De acordo com a argumentação de Foucault (2008), na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série e pela distância que separa uns dos outros.

Para ele, a disciplina, “arte de dispor em fila”, individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. Esse pensamento é adotado no espaço escolar, onde todos os indivíduos são vigiados e punidos a todo o momento. A punição vai de um simples olhar a um castigo que faz com que o aprendiz eduque o seu corpo e o seu pensamento. Nessa perspectiva, Foucault (2008, p. 150) procede à seguinte defesa: “O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios”.

É a partir dessa discussão que o filósofo francês (2008) menciona que o corpo está diretamente mergulhado num campo político, e as relações de poder recaem sobre ele. Com efeito, o poder produz saber, isto é, poder e saber estão diretamente implicados. À luz de tal argumento, ele faz a seguinte afirmação:

[...] não é a atividade do sujeito do conhecimento que produziria um saber útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (FOUCAULT, 2008, p. 27).

E, na medida em que ele observa a disciplina dos corpos, defende que eles se tornam corpos dóceis, mecanizados, existindo uma certa tecnologia do poder sobre o corpo, porque o corpo não precisa ser mais marcado, mas adestrado, formado e reformado. Mas é a disciplina que dissocia o poder do corpo, fabricando assim corpos dóceis. Ademais, a disciplina organiza os indivíduos no espaço, mas para isso ela exige algumas técnicas, especificando um lugar homogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. É o caso da arquitetura dos colégios, demonstrando exatamente esse pensamento, pois eles são cercados por muros, figuratizando uma prisão; fecham-se, limitam-se em si mesmos, assim como são os quartéis e as fábricas. Foucault (2008), então, acrescenta que a arquitetura não é mais feita simplesmente para ser vista ou para vigiar o espaço exterior, mas para permitir um controle

interior, articulado e detalhado, tornando visíveis os que nela se encontram.

Em seguida, uma outra perspectiva de disciplinar os corpos é o processo de quadriculamento em que cada indivíduo fica no seu lugar e em cada lugar, um indivíduo. Desse modo, evita as distribuições por grupo. É por esse motivo que a organização das carteiras, como mencionado anteriormente, dá-se a partir de fileiras e de forma individual. Mas não só se têm a organização do espaço e a estrutura arquitetônica dos prédios escolares que disciplinam os indivíduos, existem também as localizações funcionais: lugares determinados que se definem não só para satisfazerem a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. Destarte, o espaço escolar é dividido de acordo com as funções exercidas por cada indivíduo que a compõe, tais como: direção, coordenação, vigilante, merendeiras, servente, professor e aprendiz.

Além da organização espacial, segundo Foucault (2008), há de se levarem em conta outros aspectos organizacionais no espaço escolar, quais sejam: o horário, controlado pelo relógio; a correlação entre o corpo e o gesto, pois um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente; a articulação corpo-objeto e a utilização exaustiva. Todos esses mecanismos fazem com que a disciplina seja cumprida e controlada por todos os envolvidos, surgindo assim corpos dóceis, obedientes ao sistema escolar.

Nessa perspectiva, esse autor adverte que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou se pode dizer uma individualidade dotada de quatro características: celular, orgânica, genética e combinatória. E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza táticas. Foucault (1997) expõe que o sistema geral de vigilância-reclusão, existente na esfera social, penetra por toda a espessura da sociedade até as sociedades de patronagem, tendo seus pontos de aplicação não somente nos delinquentes, como também, nos estudantes. Essas formas de disciplinar o corpo adentram no espaço escolar como sendo o modo mais eficaz e correto, submetendo os educandos a momentos de terror ou até mesmo de descaracterização do ser. Portanto, não enxergamos um ponto positivo na aplicação do panoptismo, da disciplina e da normalização na escola.

Outro elemento que controla, vigia, qualifica, pune e normatiza é a avaliação. Os estudantes são submetidos a uma carga imensa de informações correspondentes a diversas áreas e, no final, exige-se uma resposta à aquisição dessas informações. Em virtude disso, Foucault (2008, p. 155) destaca que o exame é, na escola, uma verdadeira e constante troca de saberes, pois “[...] garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre”. Nesse sentido, o exame é mais um elemento classificador no espaço escolar. É importante lembrar também que o professor assume uma posição de dono da razão, da verdade e esquece que a sua ação resulta em uma mera reprodução de discursos perpassados por vários anos no espaço escolar.

É nesse espaço em que são veiculados os conjuntos de verdades institucionalmente determinados. E, apesar de se estar vivenciando um século de inovações tecnológicas, comunicacionais, científicas, percebe-se nas escolas a reiteração da disciplina enquanto normas de comportamento. Nesse contexto, concorda-se com Foucault (2008), quando este afirma que tal mecanismo torna os corpos dóceis. E, na medida em que faz isso, ratifica a “verdade” instituída. Ou seja, o estudante passa a aceitar as lições ensinadas/aprendidas como sendo verdades absolutas, uma vez que já foram devidamente “docilizados”. Decorre daí, a possibilidade de se tornarem presas dessa institucionalização da verdade, no caso, das disciplinas, em geral.

Ademais, há de se levar em conta o fato do ensino ser concebido, por vários séculos, como o meio mais “correto” de se obter ascensão social e de prestígio. Para Orlandi (2009) a forma como ele funciona para transmitir o conhecimento é muito centralizadora e autoritária, visto que o professor é o detentor do saber e o estudante um mero receptor.

A autora em questão frisa, no entanto, que ensinar não é só informar, explicar, influenciar ou mesmo

persuadir, mas inculcar. Nesse sentido, é importante observar como “inculcar” está dicionarizada. Eis como Houaiss (2009 – eletrônico) define inculcar: “1 gravar, imprimir (algo) no espírito de alguém; repetir seguidamente (algo) a (alguém)”. Nesse contexto, o ensino tem como função adentrar o pensamento do indivíduo e depositar informações que estejam voltadas ao seu interesse e a sua utilidade. Entretanto, o interesse e a utilidade não são exigências requeridas do aprendiz, mas do meio. Dessa forma, o que se aprende, muitas das vezes, está muito distante do que é necessário para o envolvido, no caso, o aprendiz.

O saber adquirido, na escola, não importando a forma de como esta aquisição ocorre, é legitimado por estar representando um discurso institucional cuja tarefa é instruir os indivíduos. Orlandi (2009) ressalta ainda que o conhecimento é homogêneo no espaço da instituição. Esta, por sua vez, abriga todas as divisões. Consequentemente, o sujeito eleito a exteriorizar tal instrução, em muitos casos, segue as normas sem questioná-las, contribuindo para manter e alimentar essa representação escolar. É nessa direção que o indivíduo só será autorizado a dizer que sabe através do contato com o professor.

Dessa feita, o professor está em uma posição de verdade, porque representa uma Instituição que lhe autoriza tal poder, enquanto que o discurso do aluno não tem tanta significância, devido ao fato de representar uma imagem social “de que não sabe nada” e de que “vai à escola para aprender”. Seguindo esse pensamento, Orlandi (2009, p.16) traça um esquema das formações imaginárias estabelecidas com os envolvidos no processo escolar. Eis o esquema:

Quem	Ensina	O quê	Para Quem	Onde
Imagem do professor (A)	Inculca	Imagem do Referente (R)	Imagem do Aluno (B)	Escola (Aparelho Ideológico) (X)

Diante do esquema exposto pela estudiosa, observa-se que o processo de transmissão do conhecimento no seio escolar dá-se através da figura do professor. Esse assume uma posição que lhe é autorizada pela escola, conforme mencionado anteriormente, e transmite o saber ao aluno (sujeito que não sabe), através da inculcação de aprendizados.

Orlandi (2009, p.21) faz a seguinte ressalva:

[...] o aluno é idealmente B, o que não sabe e está na escola para aprender e o professor é idealmente A, aquele que possui o saber e está na escola para ensinar. É assim que se “resolve” a lei da informatividade e, de mistura, a do interesse e utilidade. O professor diz que e, logo, sabe que, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, a dizer que sabe, isto é, ele aprendeu.

Nessa perspectiva, percebe-se que o indivíduo só é constituído como um sujeito do saber ao ter contato com o professor, isto é, ao frequentar uma escola. Em outras palavras, a sociedade só o reconhece enquanto tal ao passar pelas salas de aula. Porque, no imaginário social, a escola tem a função de classificar o homem como um sujeito capaz de dizer que sabe e que é possuidor de conhecimento devido à produção de “um saber necessário ao poder disciplinar daquele contexto” (FELDENS 2008, p. 240).

Mas vale ressaltar que o poder não é uma propriedade de ninguém, porque ele se constitui em uma rede. Logo, todos os indivíduos são circulantes. Nesse sentido, qualquer indivíduo está sujeito ao poder, como também, pode exercê-lo. (Feldens 2008)

Partindo desse sentido, iremos no próximo tópico refletir sobre o ensino na perspectiva da EAD.

Para isso recorreremos ao pensamento de Oliveira (2003), Belloni (2006) e Almeida (2003).

3. O Ensino na Perspectiva da EAD

A EAD[ii] surge, de forma intensa, no Séc. XX, devido ao advento da tecnologia, trazendo angústia para todos os cidadãos, por pensarem que o ensino presencial iria acabar e que a qualidade da educação iria sofrer um impacto negativo. Mas todos esqueceram que a EAD, desde muitos anos, ajudou a formar, capacitar e enriquecer os indivíduos com bastante conhecimento.

A EAD, para alguns estudiosos, teve início desde o período das cavernas, mas segundo Oliveira (2003) esse tipo de ensino, aqui no Brasil, passou por diferentes gerações. A primeira geração da EAD surgiu a partir do *estudo por correspondências*, isto é, através de material impresso como o utilizado pelo Instituto Universal Brasileiro, em 1930. Tal versão fazia uso da forma assíncrona. Com o passar do tempo, a modalidade foi conquistando novos horizontes, dando espaço para o surgimento de uma nova geração chamada de *Tele-educação*, em 1970, de forma síncrona. A terceira geração une elementos da primeira e da segunda geração, ficando assim conhecida como *multimídia*, juntando as formas assíncronas e síncronas. Por fim, surge a quarta geração, a moderna, conhecida como *aprendizagem em rede* no ano de 1996, unificando todos os elementos trabalhados pelas demais gerações e associando a internet nesse meio de aprendizagem. Nesse instante, alertamos para a operação das sociedades de discurso que se dará por meios de máquinas de informática e computadores, pois o indivíduo não vive mais em sociedade disciplinar (DELEUZE, 1992). Assim, percebemos que a EAD representa uma exigência do capitalismo (produzir indivíduos qualificados para o mercado de trabalho), “[...] com efeito, assim como a empresa substitui a fábrica, a *formação permanente* tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa”. (DELEUZE, 1992, p. 221), “porque a única coisa universal no capitalismo é o mercado” (DELEUZE, 1992, p. 213). Este, por sua vez, transforma o ser em um competidor e todos os indivíduos são adversários de alguém.

Após a trajetória da EAD, da origem à contemporaneidade, podemos afirmar que o atual momento do ensino a distância caracteriza-se pela *automação e interatividade*. Esse avanço deve-se ao fato da criação da Lei 9394/1996 de 20 de dezembro de 1996 que foi sancionada pelo presidente da República Federativa do Brasil, cujo texto expresso no seu Artigo 80 faz menção à EAD. Eis o texto: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Diante de tal fato, a EAD passa a ser vista como um compromisso nacional regulamentada por uma legislação e não mais como fato isolado.

Ressaltamos que a incorporação da EAD na legislação educacional responde a grandes anseios da sociedade, dos empresários, do Estado e dos fabricantes. Para Oliveira (2003) a EAD interessa a sociedade por quebrar barreiras geográficas de acesso ao ensino superior independente de classe social; aos empresários, donos de instituições de ensino privadas, por reduzirem os custos dos cursos e aumentarem a demanda de alunos; ao Estado por expandir o ensino superior para todo o país sem precisar construir novas instalações, fazendo uso das universidades federais, como é o caso da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Por fim, aos fabricantes de equipamentos de softwares por haver o surgimento de um novo mercado. Nesse sentido, ela é uma produção do capitalismo, como bem mencionamos anteriormente.

Apesar de haver tamanho crescimento, a EAD ainda é vista por muitos, como uma atividade à margem do sistema educacional. Para Oliveira (2003) isso ocorre porque alguns a concebem como um caráter supletivo, compensando as carências de políticas por não ofertarem oportunidades de estudos aos cidadãos em idade própria. Outros visualizam uma forma barata e rápida de ampliar a oferta de cursos. E ainda existem aqueles que tecem críticas por fazer uso de recursos tecnológicos como material didático.

É nesse quesito tecnológico que a EAD se diferencia do modelo convencional de ensino, pois através

da tecnologia o aprendiz pode interagir e relacionar com diversos mecanismos de aprendizagem. Dessa forma, a interação proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTCICs) possibilitam a concretude da construção e transmissão do conhecimento na modalidade EAD. Nessa modalidade de ensino, o aluno deixa de ser visto como um ser passivo que só receberia informação e passa ser responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem através do dinamismo, com direito a trabalhar de forma individualizada e coletiva. Não existe mais o contato físico entre professor e educando. Esse organiza seu horário de estudo conforme sua necessidade e disponibilidade, adquirindo, assim, autonomia. A autonomia faz com que o aluno seja um sujeito ativo e não um ser incapaz de mudar/interagir com o seu meio. Mesmo sendo autônomo o aprendiz ainda deverá seguir um forte esquema de disciplina. Primeiramente, criando horário de estudo no seu dia-a-dia e em seguida, respondendo as atividades solicitadas como: participação em fóruns, chats, etc. Esse sistema só terá eficácia se o estudante fizer uso de aparatos tecnológicos, tais como: computador, internet etc, como já foi mencionado, porque estamos diante de uma sociedade que não mais tem como controle a assinatura para indicar o indivíduo, nem tão pouco a matrícula indicando a posição deste na massa, mas uma cifra: a senha, que possibilita o acesso à informação ou a sua rejeição, como nos mostra Deleuze:

Nas sociedades de controle [...] o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*”. (DELEUZE, 1992, p. 222)

Sendo assim, não podemos mais conceber a transmissão do conhecimento conforme o esquema da estudiosa Orlandi (2009) apresentado acima. Devemos verificar que tal esquema merece uma resignificação nesse momento atual. Portanto, entendemos que a EAD não necessita da figura do professor de forma física e nem a transmissão do conhecimento pode ocorrer somente na escola, porque a educação é aberta devido ao controle contínuo e a formação permanente do estudante-operário. Nesse sentido, apresentamos uma nova versão do esquema já analisado anteriormente.

Quem	Ensina	O quê	Para Quem	Onde
Recursos Tecnológicos (Interatividade)	Inculca	Imagem do Referente (R)	Imagem do Aluno (B)	Em um espaço qualquer

Nessa realidade, não existe um *emissor* transmitindo uma *mensagem* ao *receptor* e sim locutores, pois todos são participes e interagem através da linguagem e a constituição desse indivíduo como *sujeito* só se dá se estiver nessa interação. Além disso, a troca de conhecimento ocorrerá em qualquer lugar e não mais no espaço escolar, isto é, em um espaço fechado. Dessa forma, a aprendizagem dar-se-á de forma colaborativa, onde cada um contribuirá com o conhecimento do outro através da coletividade.

Nesse sentido, Belloni (2006) destaca algumas relações entre professor/estudante existentes entre o ensino convencional e o ensino na EAD, são elas: o controle por regras técnicas substitui o ocorrido pelas normas sociais; quase não existe um conhecimento das necessidades do aprendente; a inexistência do contato pessoal dá-se lugar as diretivas e orientações; e o objetivo é atingido através da eficiência e não pela interação pessoal. De modo geral, a EAD possibilita aos alunos a desenvolverem o seu caráter ativo, participativo e reflexivo perante as novas tecnologias. Neste

momento, os discentes deixam de ser robôs (guardadores de informações) e tornam-se agentes transformadores, que procuram novos subsídios para compreenderem a finalidade da EAD no mundo contemporâneo.

Apesar de colocar o aluno como um ser participe do seu processo de construção do conhecimento a EAD também impõe algumas regras que devem ser seguidas, como é o caso da participação em fórum, chat, aplicação de avaliação para verificar o índice de aprendizagem entre outros mecanismos de controle. Nesse sentido, não podemos afirmar que estamos diante de uma modalidade de ensino totalmente renovadora e corroboramos, assim, o pensamento de Moraes apud Oliveira (2003) quando afirma que não podemos mudar um paradigma dominante colocando apenas uma nova roupagem, camuflando velhas teorias, se o aluno continua na posição de mero espectador, de simples receptor, presenciador e copiador. Não basta só isso, é preciso que todos os envolvidos possam perceber que a EAD traz em sua filosofia uma dinâmica de ensino interativo e de construção recíproca do saber. Ainda enfatizamos que a circulação do indivíduo sempre será em um espaço fechado regido por diversas ordens/controles.

A Guisa de Conclusões

No percurso deste trabalho, observou-se que o ensino, apesar de ser visto, pela sociedade, como o melhor caminho de se adquirir o saber e, conseqüentemente, um lugar na escala social, é também tratado, na escola, como uma forma de controle social e perpetuação de um determinado conjunto de verdades, institucionalmente constituído. Esses dois mecanismos representam o discurso que é perpassado há vários séculos pela organização do sistema escolar. Entretanto, é importante lembrar que não é somente a escola que legitima o saber ao indivíduo, mas também a família, a igreja, os meios tecnológicos etc. Nesse sentido, o conhecimento está, muitas vezes, atrelado às instituições sociais, fazendo crer que somente a elas é dado o direito de construir/divulgar tal conhecimento. Nesse contexto, acredita-se que a única forma de transmissão do conhecimento está no professor, considerado como o centro do saber. O estudante, por sua vez, encontra-se na posição daquele que nada sabe. Nessa demarcação de poder entre escola *versus* estudante, afirmamos que os excessos apresentados de poder nunca irão sumir, porque seja qualquer indivíduo ou instituição sempre terá o desejo de ter poder.

É nessa perspectiva que tentamos mostrar que apesar de novas formas de transmissão do conhecimento existentes ainda continuamos vigiando e punindo os discentes, assim como, repetimos discursos circulantes sem que haja uma resignificação. Acreditamos que a EAD, mesmo presa a elementos sistemáticos, contribui para a constituição do indivíduo enquanto sujeito da sua própria ação, porque o concebe como um ser ativo diante do seu mundo.

[i] Foucault (1999, p. 65) acredita que “a verdade vai estar ao lado da desrazão e da brutalidade”.

[ii] Segundo Belloni(2006, p. 25) ensino a distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar onde é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas.

ALMEIDA, M. E. B.; PRADO, M. E. B. B. **Criando situações de aprendizagem colaborativa**. In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B.; PRADO M. E. B. (Org.). *Internet e formação de educadores a distância*. São Paulo: Avercamp, 2003.

ARAGÃO, Carlos Alexandre N. **Ensino: transmissão de conhecimento**. III Encontro de Pós-Graduação em Letras: Deslocamentos Culturais. UFS. São Cristovão, SE: 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.

FELDENS, Dinamara Garcia. **Os lugares da contemporaneidade e a escola de controle: cartografias do poder na educação**. In *Educação Unisinos*. Vol. 12, número 3, setembro – dezembro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad, Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 35ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação a Distância na transição paradigmática**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SANTOS, Edméa Oliveira. **Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas**. In: *Revista FAEBA*, v.12, no. 18.2003.

[1] Foucault (1999, p. 65) acredita que “a verdade vai estar ao lado da desrazão e da brutalidade”.

[1] Segundo Belloni(2006, p. 25) ensino a distância é o ensino que não implica a presença física do professor indicado para ministrá-lo no lugar onde é recebido, ou no qual o professor está presente apenas em certas ocasiões ou para determinadas tarefas.

*Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e professor da rede estadual de ensino de Sergipe e da Faculdade Pio Décimo de Canindé de São Francisco (FAPIDE).